

Somos nosso cérebro? Neurociência, subjetividade, cultura

Fernando Vidal e Francisco Ortega

São Paulo, SP: n-1 Edições/Hedra, 2019, 345 págs.

“Somos nosso cérebro?” ou sobre um
livro na subjetividade de sua época
*“Are we our brain?”: or about a book
in the subjectivity of its times*

448

Fabício Donizete da Costa*¹

Essa obra, fruto da parceria de Vidal e Ortega, é altamente indicada àqueles interessados em ter algumas chaves de leitura da subjetividade de sua época, em bom e claro português. Um livro que contribui para todos aqueles que, ao serem o eixo de tantas vidas (psicanalistas, clínicos, pesquisadores, estudiosos das neurociências, dentre outras incidências da partícula *neuro* na contemporaneidade), buscam saber algo do movimento dialético no qual estão inseridos simbolicamente (Lacan, 1953/1998, p. 322).

*¹ Universidade de São Paulo (São Paulo, SP, Brasil).

Os autores, inicialmente, partem de alguns pressupostos do campo *neuro*, como, por exemplo, o argumento da “década do cérebro”, alcunha para os anos 1990, seguindo rumo à chamada “virada neural”, “neurovirada” e “virada neurocientífica”, que roubaram a cena em vários campos interdisciplinares e de investigação mundialmente. Ecos dessa “virada” também se localizam na clínica, quando a própria definição do sofrimento psíquico passa a ser nomeada pelo Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos (NIMH) como transtornos mentais, sendo estes entendidos e tratados como transtornos cerebrais (Insel, 2011; Rose, 2019).

Esse livro apresenta uma leitura precisa e crítica de “algumas afirmações mais extravagantes e algumas aplicações mais imprudentes do *neuro*” (p. 14), o que eu modestamente chamaria de um “uso selvagem das neurociências”, seja na prática clínica, ou mesmo na produção de subjetividades. Portanto, os autores tecem um profícuo e fecundo diálogo com outros trabalhos críticos de autores renomados no campo (Rose e Abi-Rached, 2014; Berrios, 2015; Rose, 2019; Carvalho et al., 2020).

O livro, sem dúvida, irá contribuir como uma referência em língua portuguesa para uma análise ampla e sóbria ante a naturalização do *neuro*, contribuindo para o questionamento da “maioria das interpretações do lugar-comum segundo o qual a mente é o que o cérebro faz” (p. 14).

Um dos eixos críticos do livro retoma estudos de historiadores e cientistas sociais de diversas disciplinas que examinam, desde os idos de 2000, as incidências do *neuro* na cultura contemporânea. Em destaque, cito o interesse dos autores sobre a redutibilidade dos humanos a seus cérebros, processo esse denominado de “*cerebralização*”, cujos traços foram examinados ao longo dos capítulos do livro. Assim, os autores rastrearam as marcas do *neuro* no “governo dos vivos”, marcas estas que são efetivamente cruciais para processos de subjetivação (Rose e Abi-Rached, 2014; Rose, 2019; Carvalho et al., 2020). Um dos exemplos instigantes do processo supracitado se encontra no capítulo 3, intitulado “*Cerebralizando o sofrimento psíquico*”. Além desse neologismo transportar os leitores às veredas de Guimarães Rosa, os autores trabalham incidências clínicas precisas dessa delimitação do *neuro* na subjetividade humana, em ativo processo corrente, como bem marcado pelo gerúndio. Destaco, sem construir uma antecipação apressada que reduza a amplitude e a complexidade transposta pelo capítulo em questão, as vicissitudes do significante “*neurodiversidade*”. Os autores aportam, dentre outras correntes de leitura, os efeitos identitários desse significante, efeitos numa leitura de orientação lacaniana, eminentemente imaginários, como costumam ser os efeitos

regidos pela vertente identificatória. No capítulo supracitado, o transtorno do espectro do autismo (TEA) torna-se o cenário privilegiado ao debate da neurodiversidade, terreno este em que os autores capturaram de forma delicada e metódica, suas marcações biossociais e culturais, debates que podem ser transpostos ao contemporâneo em que o ser e o ter, dialeticamente seguem se retroalimentando, como é possível notar algo semelhante nas discussões atuais sobre gênero, na política do *recovery* e da *Global Mental Health* (Carvalho et al., 2020) dentre outros. Nesse mesmo capítulo, os autores também retomam a busca da objetividade no campo dialógico *neuro* e *psi*, tendo no terreno clínico o constructo de depressão e a sua constante cerebralização ao longo das últimas décadas, debate este dirigido pelo empuxo à busca pela causalidade, elevando-a ao zênite de uma doença clínica como o diabetes.

Da “década do cérebro” às conjeturas da “*big science*” e dos cálculos preditivos da “*big data*”, à localização de um “*espectro neurocultural*”, um universo em expansão (Vidal e Ortega, 2011), o livro percorre em seus quatro capítulos, territórios que partem da *neuroascese* (a autodisciplina cerebral). No primeiro capítulo, seguindo o panorama das “*neurodisciplinas*”; no segundo, rumo ao entendimento da “*cerebralização*” do sofrimento psíquico, um território em disputa; e, finalmente, encerrando suas análises no quarto capítulo, em que os autores destacam os ravinamentos do *neuro* na cultura popular, campo este que também é permeável por uma tensão instável possivelmente advinda de ambivalência estrutural inerente ao sujeito dito cerebral (Rose e Abi-Rached, 2014; Rose, 2019; Carvalho et al., 2020)

Em suma, um livro bem escrito, uma leitura lúcida da *ideologia do neuro* (p. 16) como uma realidade social, cultural e psicológica, trazendo um panorama ampliado dessa temática polimórfica. Finalizo com seu triplo argumento: o *neuro* toca em noções de pessoa e de identidade pessoal, e como objeto de pesquisa, a cerebralização dele decorrente é um pressuposto subjacente determinante ao modo como a pesquisa é feita, interpretada e divulgada, e conseqüentemente, a “*cerebralização*” torna-se uma espécie de tecido conectivo, um leito de rocha mais ou menos solapado, mais ou menos exposto às intempéries da paisagem biopsicossocial. Boa leitura!

Referências

- Berrios, G. (2015). *Rumo a uma nova epistemologia da psiquiatria*. São Paulo, SP: Escuta. 296p.
- Carvalho, S. R. et al. (2020). Our psychiatric future and the (bio)politics of Mental Health: dialogues with Nikolas Rose. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação* [online]. 24. Recuperado em 1 fev 2020, de: <<https://doi.org/10.1590/Interface.190732>>.
- Insel, T. (2011). *Mental Illness Defined as Disruption in Neural Circuits*. Recuperado em 1 fev. 2020, de: <<https://www.nimh.nih.gov/about/directors/thomas-insel/blog/2011/mental-illness-defined-as-disruption-in-neural-circuits.shtml>>.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (p. 322). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Rose, N. (2019). *Our psychiatric future: The Politics of Mental Health*. Cambridge: Policy. 269p.
- Rose, N.; Abi-Rached, J. M. (2014). *Neuro: The New Brain Sciences and the Management of the Mind*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.
- Vidal, F., & Ortega, F. (2011). Approaching the Neurocultural Spectrum: An Introduction. In Ortega & Vidal, *Neurocultures: Glimpses Into an Expanding Universe* (pp. 7-27). Berlin, Germany: Peter Lang. Vidal, F.; Ortega, F. (2011). “Approaching the Neurocultural Spectrum: An Introduction”. In Ortega e Vidal. *Neurocultures: Glimpses Into an Expanding Universe* (pp. 7-27). Berlin, Germany: Peter Lang.

451

Citação/Citation: Costa, F. D. da (2020, jun.). “Somos nosso cérebro?” ou sobre um livro na subjetividade de sua época. Resenha do livro *Somos nosso cérebro? Neurociência, subjetividade, cultura*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(2), 448-452. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p448.16>.

Editora/Editor: Profa. Dra. Marta Regina de Leão D’Agord

Submetido/Submitted: 25.4.2020 / 4.25.2020 **Aceito/Accepted:** 27.4.2020 / 4.27.2020

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

452

FABRÍCIO DONIZETE DA COSTA

Psiquiatra, Psicanalista, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho (PST), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IP-USP (São Paulo, SP, Brasil).

Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Cidade Universitária

05508-030 São Paulo, SP, Br

psiquiatrista@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8347-4997>



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.